

Bracher espera que vá melhorar

Nova Iorque — O Brasil espera, depois das arrastadas negociações dos últimos anos e da moratória a que se viu obrigado a recorrer, que a comunidade internacional tenha aprendido o bastante para permitir uma solução de longo prazo. Essa declaração é do assessor para assuntos da dívida externa do Ministério da Fazenda do Brasil, Fernão Bracher, durante entrevista coletiva ontem em Nova Iorque.

Negociador-chefe do Brasil, Bracher deu pouca importância ao fato de o seu País admitir retornar ao Fundo Monetário Internacional.

“Essas negociações são os frutos da experiência que todos nós acumulamos depois da crise de 1982”, declarou. “Passamos por várias fases: algumas de colaboração estreita, outras de colaboração ao menos estreita, fases de suspensão de pagamentos e agora esperamos ter aprendido o suficiente”, salien-

tou o brasileiro que retornou à noite ao País.

“Esse acordo”, frisou, “é o primeiro passo nesse sentido, na medida em que foram convenientes os termos de normalização da nossa relação com o sistema financeiro e o sistema nos deu elementos para fazê-lo”.

Bracher espera conseguir um acordo para confirmar o entendimento preliminar. Indagado sobre o que ocorreria se um novo acordo não for possível, respondeu que o Brasil e os bancos destacaram, no comunicado de ontem, seu interesse em que o País possa continuar pagando os juros com o apoio dos bancos.

“O Brasil irá ao Fundo. Em primeiro lugar, o Brasil tem o seu programa econômico, que o Brasil mesmo elaborou, que foi discutido no Brasil e aprovado no Brasil”, enfatizou.

Lembrou ainda que o País é membro do FMI há muitos anos, que paga a sua contribui-

ção e que vai aproveitar essa condição de membro do Fundo.

Bracher disse que se aprendeu uma lição: A de que é preciso manter um relacionamento com o Fundo, que é uma das fontes de que o Brasil dispõe.

“Temos exemplos de nações vizinhas que, devido às dificuldades com o Fundo, vêm perigar o desembolso dos bancos, de outros organismos, enfim, toda a estabilidade financeira do País”, comentou numa aparente referência ao Peru.

“A história nos ensina que devemos usar o Fundo, que é uma fonte de recursos e uma fonte de idéias. Mas não vamos permitir que essa fonte perturbe a boa marcha da economia nacional”, advertiu.

O negociador-chefe da dívida brasileira deve retornar a Nova Iorque dentro de duas semanas para retomar as conversações com os representantes dos bancos credores.